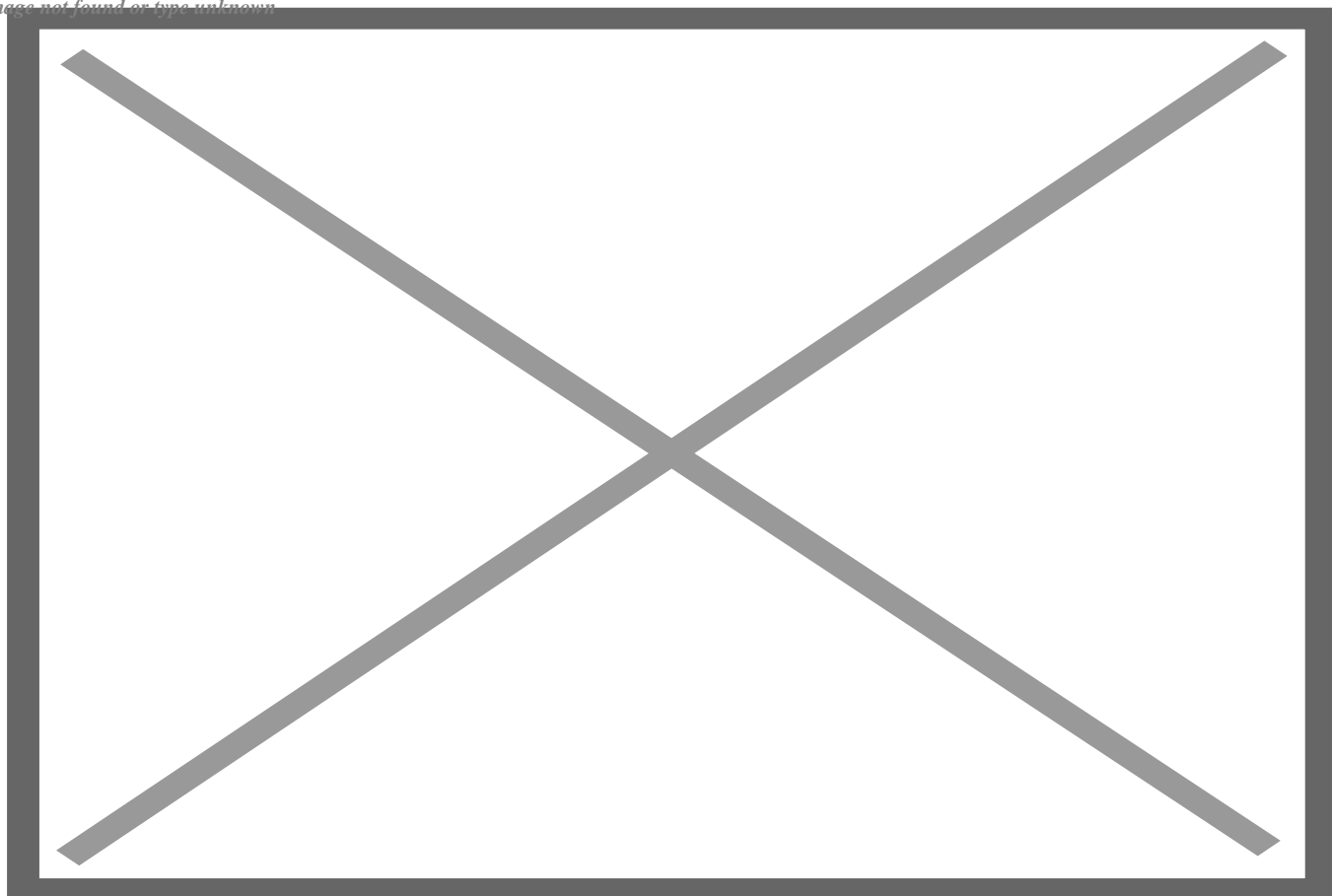


Encontro de Díaz-Canel com jovens que estão mudando o mundo

Image not found or type unknown



Bons sentimentos e grandes verdades. Essas foram as principais forças que moveram o diálogo entre o Presidente Díaz-Canel e a Brigada norte-americana de Jovens “Let Cuba Live” (Deixem Cuba Viver) da Assembleia Internacional dos Povos. Por seu valor, o conteúdo desse dia é o tema da próxima edição do programa Da Presidência.

Os homens e mulheres de bem falam uma linguagem comum: a linguagem humanista. E como sempre estão imersos no essencial, assumem as fronteiras do mundo como meras linhas administrativas, como

um simulacro de um mapa ao qual não prestam atenção, porque o sofrimento ou a felicidade dos seres humanos é para eles uma questão única em qualquer canto do planeta; porque ou estamos com a espécie humana, ou estamos contra ela.

Foi nessa corda profunda e estremecedora que ocorreu um encontro histórico entre o Presidente da República de Cuba, Miguel Díaz-Canel Bermúdez, e a Brigada norte-americana de Jovens "Let Cuba Live" (Deixem Cuba Viver), da Assembleia Internacional dos Povos. Os membros desse grupo já tinham chegado à Ilha e já haviam navegado pelas veias populares do país durante uma semana, acumulando experiências que depois discutiram com o Presidente.

"Tivemos que vir a Cuba para encontrar a nós mesmos e a nossa própria luta", disse o jovem Manolo de los Santos, diretor do Fórum dos Povos e líder social norte-americano, que dirigiu o diálogo de duas horas no Salão Portocarrero do Palácio da Revolução.

"Abaixo o bloqueio, o mundo socialista é o mundo que queremos! Com esse grito, os jovens visitantes deram as boas-vindas ao chefe de Estado, que chegou com sua companheira Lis Cuesta Peraza e participou de uma conversa conduzida por perguntas muito interessantes feitas pelos estudantes. Também compareceram o primeiro secretário do Comitê Nacional da União de Jovens Comunistas (UJC), Meyvis Estévez Echavarría, o presidente do Instituto Cubano de Amizade com os Povos (ICAP), Fernando González Llord, dirigentes estudantis, do Partido Comunista e do governo.

Sentados em uma ordem não protocolar, apenas acomodados pelo interesse do entendimento e a possibilidade de verdades compartilhadas, os visitantes ouviram o presidente dizer: "É um prazer para nós compartilhar com os jovens norte-americanos". Díaz-Canel queria lhes expressar antes do início da reunião: "Nós os admiramos muito".

Disse isso porque, em sua opinião, eles criaram um movimento social e político "muito singular" nos Estados Unidos, e porque são uma expressão de como, em questões tão complicadas, os bons sentimentos, os de justiça, liberdade e emancipação, esses sentimentos que estão presentes na sociedade norte-americana por meio dos jovens estudantes, podem abrir caminho.

O movimento que começou a andar, comentou o presidente, "tem como referência homens como Malcolm X e Martin Luther King". O Chefe de Estado ponderou que, em uma sociedade tão injusta, com um governo que recorre à guerra como solução para os principais problemas, jovens como os que chegaram a Cuba são "as pessoas mais importantes" com as quais um país pode contar.

Memórias

Díaz-Canel disse a seus interlocutores que nunca esqueceria "o apoio que jovens como vocês nos deram em Nova York", o palco onde Cuba tantas vezes denunciou o bloqueio imperial que a impede de avançar. E voltou às horas de setembro de 2023, quando foi até a esquina da Lexington com e 38 - em frente à missão cubana em Nova York - para exigir, em meio a uma manifestação de jovens norte-americanos, o fim do bloqueio.

"Vocês estiveram nas ruas todos os dias", reconheceu o presidente, referindo-se à companhia de jovens corajosos. E outro momento surgiu com força e nitidez na memória do presidente: um sábado daquela jornada de setembro de 2023, uma noite chuvosa na Sociedade de Cultura Ética de Nova York, onde centenas de amigos se reuniram em apoio a uma nação que resiste.

Foi lá que o Primeiro Secretário do Comitê Central do Partido Comunista - em um local bonito e animado - disse que Cuba abraça o povo norte-americano e todos os irmãos e irmãs do mundo, todos aqueles que sonham com um mundo melhor. Poder compartilhar essa noite com amigos foi uma "experiência extraordinária", lembrou.

O início de uma conversa inesquecível

"Bem-Vindos ao Palácio da Revolução e vamos conversar como fazem vocês, jovens", disse o presidente a seus estimados interlocutores nos minutos iniciais da reunião. E Manolo de los Santos, que apresentou cada estudante, foi enfático: "Somos extremamente gratos ao povo de Cuba por nos receber nestes tempos".

O jovem enfatizou que, embora sejam tempos difíceis, o povo de Cuba não deixou de ser solidário, não só com eles, mas também com o mundo inteiro.

Foi uma semana intensa - disse Manolo - sobre a estadia do grupo em Cuba, "onde reconhecemos a capacidade do povo cubano de falar sobre todos os assuntos. De tudo. Ficamos acordados até tarde da noite, discutindo (sobre) democracia, direitos humanos, economia, filosofia, cultura, tudo. E, é claro, dançando um pouco com os cubanos e as cubanas".

"Fazemos isso muito bem", comentou o presidente Díaz-Canel com um sorriso. E Manolo compartilhou outra ideia: "Que oportunidade rara para os jovens norte-americanos poderem se reunir com um presidente... Levamos meses nos mobilizando nos Estados Unidos, exigindo que nosso presidente nos ouça, e hoje acordamos para ver uma Casa Branca rodeada, cercada, impossível de alcançar; mas aqui chegamos a Cuba e um presidente revolucionário, socialista, honesto e humano nos recebe abertamente e quer ouvir nossas perguntas".

"O mundo não pode permanecer em silêncio", enfatizou o chefe de Estado cubano logo no início. E o fez categoricamente e diante das evidências do holocausto sofrido pelo povo palestino. E naqueles minutos de pórtico estava a entrada para um caminho de perguntas com suas respostas.

É a mesma revolução?

Perguntem, vocês também podem criticar alguma coisa que achem está errado. Foi o convite feito pelo chefe de Estado aos estudantes, a acrescentou: "será muito bom para o povo cubano saber como pensam jovens como vocês".

"Esta é uma nação pequena, mas muito resiliente", disse a estudante Celine Qussiny. Para ela, o bloqueio imperial faz com que Cuba enfrente muitos problemas. É um cerco, denunciou, montado pelo mesmo governo que ataca a Palestina.

O próximo passo foi uma primeira pergunta do grupo amigo: Como esta Revolução - que não começou em 1959, mas muito antes - foi evoluindo? Os estudantes queriam saber sobre isso, especialmente com relação aos últimos 60 anos.

Compreendendo a magnitude da questão, o presidente Díaz-Canel disse que a resposta poderia ser muito longa, ou muito curta, mas que ele se esforçaria para dá-la a partir de um ponto intermediário. Em seguida, iniciou sua viagem aos primórdios da nacionalidade cubana, incluindo as etapas anteriores, quando Colombo chegou à América e abriu as portas para os conflitos de identidade, para o extermínio subsequente das populações nativas, para o capítulo vergonhoso do comércio de escravos, para o surgimento do crioulo que começou a se sentir cubano e não espanhol, para o nascimento de um desejo

de independência que sempre esteve intimamente ligado ao próprio surgimento da identidade nacional.

O presidente passou por etapas como as guerras mambisas; como tudo o que o país caribenho fez - já no século XX - em prol das causas da independência na África, porque esse compromisso com o continente-mãe tem a ver com a reivindicação dos escravos que chegaram ao solo cubano amarrados em navios e cujo sangue corre nas veias dos cubanos de hoje.

Díaz-Canel falou de José Martí; de Antonio Maceo e seu protesto em Mangos de Baraguá; da Geração Centenária com Fidel à frente; do assalto ao Quartel Moncada; da prisão e do exílio no México; de Che Guevara juntando-se ao grupo daqueles que mais tarde desembarcariam no iate Granma; de Fidel dizendo, com apenas sete rifles na mão venceriam a guerra contra um exército armado até os dentes.

Sobre esse último episódio, o presidente lembrou que Cuba, em uma linha com sabor de destino, costuma passar de adversidade em adversidade, e de triunfo em triunfo, sempre sem perder uma convicção fidelista, herdada de todas as lutas anteriores: "O que nunca pode haver é rendição", conceituou Díaz-Canel.

Como o Comandante-em-Chefe Fidel Castro também definiu na época - e como o chefe de Estado lembrou - a Revolução Cubana é uma só, desde os mambises até os dias de hoje.

Quando esta Revolução triunfou, disse, foi uma fonte de grande preocupação para os Estados Unidos. E com relação a esse evento - bloqueado pelo império por tanto tempo - o presidente enfatizou que as revoluções podem servir de exemplo, mas não podem ser exportadas, porque "as revoluções são feitas pelo povo". Por isso, enfatizou aos estudantes, ninguém pode influenciá-los, ninguém pode orientá-los nas convicções que escolherem.

"Não somos perfeitos, nem queremos que vocês nos idealizem", disse Díaz-Canel aos jovens, acrescentando que o que os revolucionários cubanos têm é uma enorme vocação pela perfeição.

Com relação aos jovens cubanos, Díaz-Canel disse que estão presentes em todos os eventos e processos importantes da sociedade. Enumerou vários exemplos e afirmou que a Revolução é uma história de continuidade de gerações que estão unidas em princípios, que podem estar distantes umas das outras, devido ao passar do tempo, mas que são mutuamente sustentadas por uma unidade de essências.

"Vamos tornar esse mundo melhor, pessoal!"

Como Cuba vê o processo de libertação da Palestina, perguntaram os alunos. E esse foi o ponto de partida para que o Presidente afirmasse que o mundo despertou neste momento da história, a partir da causa palestina.

É como se o mercado tivesse espalhado um manto de idiotice sobre as sociedades, refletiu. Falou de um mundo marcado pela incerteza, pela situação climática adversa, pelas desigualdades que aumentaram desde a COVID-19, pelas guerras...

E mais de uma pergunta serviu para convidar à reflexão de todos: "Por que não falam sobre a Palestina, que está em guerra há mais de 70 anos, e por que só se preocupam com a Ucrânia? Por que a grande mídia não analisa as causas fundamentais do conflito na Europa? Quem causou esse conflito na Ucrânia? Quem fabricou essa guerra? Quem se beneficia dela?"

Sobre o que está acontecendo com o povo palestino, o presidente Díaz-Canel meditou sobre como tantos seres humanos morreram em tão pouco tempo. E prestou atenção especial ao martírio de mulheres e crianças e se perguntou em voz alta: "O que pode haver na consciência daqueles que

fizeram essa guerra?

A Palestina dói, tem que nos doer, disse, e afirmou que naquela terra seus filhos estão defendendo a dignidade humana. "Acredito que tudo o que fazemos pela Palestina é pouco", enfatizou, e imaginou o momento em que essa nação deve ser reconstruída, e falou da dor das famílias destruídas, das mães e dos pais que passaram pela terrível experiência de ver seus filhos morrerem.

A Palestina abriu um importante espaço de conscientização, e os protestos dos estudantes norte-americanos foram muito importantes nesse sentido. Foi assim que Díaz-Canel avaliou a situação e não ignorou o fato de que manifestações tão intensas não ocorriam nos Estados Unidos desde os dias dos protestos contra a guerra no Vietnã.

O presidente confessou aos jovens que estava entre os idealistas que imaginavam um mundo melhor após a convulsão da COVID-19, porque os sistemas "estavam tão quebrados...". Mas, infelizmente, disse, o mundo entrou em guerra, os bloqueios se intensificaram e governos como o israelense têm sido brutais em suas ações contra o povo palestino.

Queremos um mundo melhor, onde haja mais igualdade, um mundo mais justo; esse mundo é possível, o que temos de fazer é defendê-lo. Essa foi a reflexão do chefe de Estado, que acrescentou que o mundo pode ser defendido como os cubanos fazem todos os dias, apesar do bloqueio, e como o povo palestino também faz.

"Vamos fazer do mundo um lugar melhor, pessoal!", conclamou com firmeza e otimismo.

"Aqui a gente luta todos os dias".

Como você lida com o pessimismo; como inventar o otimismo em questões tão difíceis, perguntou Manolo de los Santos ao presidente Díaz-Canel. E essa foi a plataforma de lançamento para o presidente listar muitos dos problemas que afligem a vida em Cuba; entre eles, a falta de medicamentos e alimentos, os apagões, a escassez de todos os tipos....

O chefe de Estado, explicou que "a história de nosso país contém as respostas para todos os nossos problemas".

A essência de seu argumento foi que devemos "acreditar na história", porque a história cubana foi e continua sendo a luta contra todas as adversidades e em meio a ataques permanentes.

O outro caminho que o presidente mencionou para responder aos desafios atuais é a ética - "devemos explicar a verdade", disse - e o terceiro elemento, enfatizou, é a justiça, a lei.

A lógica imperialista que se baseia na asfixia econômica e midiática também foi explicada detalhadamente pelo chefe de Estado. Falou que "aqui lutamos todos os dias", e que a lógica da construção socialista, que consiste em superar o bloqueio com o próprio esforço e talento, com a filosofia da resistência criativa, que consiste em ir além da resistência para aspirar ao crescimento.

As prioridades do Partido e do Governo para os tempos atuais; a história inesquecível dos cientistas cubanos que salvaram um povo inteiro da COVID-19 - e o fizeram com suas próprias vacinas; os processos regulatórios dentro da sociedade. O presidente conversou com os jovens sobre essas experiências e, quando Manolo de los Santos lhe perguntou como explicava ao povo a complicada situação atual, Díaz-Canel foi categórico:

"Com a verdade, Manolo, com a verdade". E nesse ponto da conversa, explicou que o governo não pretende incomodar o povo com todas as dificuldades que afetam sua vida cotidiana, e que não há

fórmula mais eficaz do que a conversa "cara a cara", como ensinaram Fidel e o general do Exército Raúl Castro Ruz.

Perguntas sobre esperança

Como podemos fazer com que o futuro faça parte das esperanças dos jovens em Cuba? Quais são as principais questões que estão sendo debatidas hoje nas esferas do Partido Comunista e do Governo?

Com base nessas perguntas feitas pelos estudantes, o Chefe de Estado passou a compartilhar reflexões sobre o valor das ideias e todos os esforços feitos pela Revolução em projetos sociais; e entre as questões essenciais que estão sendo discutidas, disse ele, está a da continuidade geracional.

Díaz-Canel se referiu ao desafio de manter a continuidade apesar do fato de que as gerações atuais já estão muito distantes, na linha do tempo, do Primeiro de Janeiro de 1959. E falou de outros desafios fundamentais: "Como garantir que Fidel permaneça sempre entre nós"; "Como podemos garantir que toda a epopeia revolucionária, toda a grandeza, não se perca?"

"Podemos vencer, mas temos que acreditar", disse o presidente cubano em outro momento da reunião, e também advertiu que se trata de uma longa luta, e que haverá gerações que nem sequer verão os frutos do esforço, mas que terão criado as condições para o triunfo das gerações vindouras.

A noite no Salão Portocarrero - o mesmo espaço onde Fidel tantas vezes deu seus longos passos - foi repleta de emoções e verdades muito úteis. Entre muitas outras certezas, Díaz-Canel expressou que "o que os povos defendem é o que triunfa".

Manolo de los Santos - que já havia chamado o bloqueio sofrido por Cuba de "genocídio silencioso" - contou aos anfitriões do Palácio da Revolução sobre uma semana cheia de emoções, sobre diálogos com jovens cubanos que "não são robôs", que têm um discurso muito crítico. E contou sobre a experiência de ter andado pelas ruas e de ter podido saborear a sensação de liberdade.

"Cuba para nós também é o que significa a Palestina. É a bandeira de nossa geração", disse o diretor do People's Fórum, que não deixou passar a jornada sem antes agradecer profundamente. O líder social garantiu que com eles - os jovens que foram manchetes em todo o mundo por seus protestos e pela forma como foram maltratados - Cuba, a Revolução e seus líderes poderão contar. E que isso será assim hoje, amanhã e sempre. (Fonte: site da Presidência da República)

<https://www.radiohc.cu/pt/especiales/exclusivas/357248-encontro-de-diaz-canel-com-jovens-que-estao-mudando-o-mundo>



Radio Habana Cuba